

LITERATURA NA SALA DE AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: DESAFIOS E ALTERNATIVAS PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

Maria Inês Pinheiro CARDOSO¹¹;
Lúcio Flávio Gondim da SILVA¹²

Resumo: Por meio de um texto literário, vislumbramos estruturas linguísticas que beiram a excelência. De tal forma que, enquanto professores de língua, necessitamos ver na literatura uma forte aliada para o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, considerando seu grande valor para a construção de competências e saberes socioculturais e linguísticos, em nossa sociedade. Neste trabalho, refletimos sobre algumas das principais dificuldades de trabalhar-se com o texto literário em sala de aula de LE, e sobre boas, e possíveis, alternativas para levá-lo a cabo com bom resultado. Como apoio teórico elegemos, dentre outros, Aragão (2006), Cosson (2006) e Mendoza (2007) a fim de questionar e propor percursos didáticos com os gêneros literários. Ao fim, compreende-se o papel humanizador da literatura, deflagradora de universos ficcionais e potente instrumento de enriquecimento linguístico para o aluno, para o professor e para toda a escola.

Palavras-chave: Literatura; Letramento literário; Ensino de língua estrangeira.

Abstract:

Through a literary text, we envision linguistic structures that borders on excellence. Thus, as language teachers, we need to see in literature a strong ally for the teaching-learning process of a foreign language, considering its great value for the construction of socio-cultural and linguistic skills and knowledge, in our society. In this paper, we reflect on some of the main difficulties and possible outputs for working with literary material in the LE classroom for achievable and good results. As a theoretical support, we chose, among others, Aragão (2006), Cosson (2006) and Mendoza (2007) in order to question and propose didactic courses with literary genres. At the end, the humanizing role of literature, which is a deflagrator of fictional universes and a powerful instrument of linguistic enrichment for the student, the teacher and the whole school, is understood.

Keyword: Literature; Literary literacy; Foreign Language Teaching

Práticas de letramento: literatura, língua e mundo em diálogo na escola

O contato com o texto literário na escola vai ao encontro da necessidade crescente de fomento à leitura em nosso país e no mundo, constituindo importante elemento para o processo de ensino-aprendizagem. Para além das aulas de português e de literatura, onde o texto literário deve ser presença constante, o exercício que envolve o letramento literário, isto é, a capacidade de compreender o texto literário de modo e conferir-lhe significados, ajusta-se plenamente às propostas do ensino de língua

¹¹ Professora Doutora - Departamento de Letras Estrangeiras, UFC – Fortaleza, Ceará.

inesufc@yahoo.com.br

¹² Mestre em Literatura, UFC, Fortaleza-Ceará, luciofgondim@hotmail.com

estrangeira e as amplia. Refletir sobre a construção de saberes que visam à proximidade dos alunos com a leitura é um desafio basilar para docentes e para pesquisadores da palavra e do ensino de língua.

As múltiplas possibilidades de leitura de um texto e, especialmente, de uma obra literária, oferecem diversas alternativas para o trabalho individual e coletivo, tão caras ao ambiente escolar. Alternativas que envolvem dimensões profundas do aluno, enquanto sujeito-leitor. Segundo Eliana Yunes, em seu *Pensar a leitura: complexidade* (2002),

O movimento que a literatura desencadeia, de natureza catártica, mobiliza os afetos, a percepção e a razão convocados a responder às “impressões” deixadas pelo discurso, cujo único compromisso é o de comover o leitor, de tirá-lo de seu lugar habitual de ver as coisas, de fazê-lo dobrar-se sobre si mesmo e descobrir-se um sujeito particular. (YUNES, 2002, p. 27)

Além dessa função eminentemente humanizadora, o material significativo encontrado na literatura ajuda a promover o desenvolvimento das competências linguísticas e socioculturais do aprendiz. No que respeita ao processo de aquisição de uma língua estrangeira, o texto literário aproxima o aluno de diversos fatores que lhe proporcionam maior aprofundamento nas estruturas da língua meta, uma considerável ampliação do seu *corpus* linguístico, além de possibilitar-lhe maior intimidade com suas variantes comunicativas. A função modelar do texto literário apoia-se em características peculiares suas, algumas das quais, enumera Aragão (2006, p.46): “... os recursos formais que servem para ‘desautomatizar’ a mensagem; os traços peculiares da linguagem artística, como a plurissignificação, a conotação; e, finalmente, a ficcionalidade¹³”.

Na atualidade, impõem-se aos profissionais envolvidos na teorização e nas práticas de letramento literário, uma série de desafios lançados pelas modalidades comunicativas digitais. Estas, apesar de trazerem inúmeros benefícios, vêm, por outro lado, reduzindo o contato com o texto, agora mais breve e superficial, submetendo, muitas vezes, o diálogo leitor-texto à rapidez e à superficialidade. Os efeitos da

¹³“los recursos formales que sirven para “desautomatizar” el mensaje; los rasgos peculiares del lenguaje artístico, como la plurisignificación, la conotación; y, finalmente, la ficcionalidad.” (Tradução nossa)

superexposição aos ambientes virtuais se refletem numa postura, cada vez mais usual entre estudantes que, muito seguidamente, referem-se às atividades de leitura como um fardo ou uma obrigação incômoda, quando não inteiramente inviáveis. O panorama é árduo, portanto. Ainda assim, pode ser estimulante fazer a opção por textos mais demandantes, de maior potencial linguístico, capazes de provocar os alunos e de suscitar diálogos mais plurais e profundos com suas possíveis expectativas. Tal é o caso do texto literário.

Para muitos autores, o fato de que o professor se imponha, como meta, trabalhar o letramento literário, não é apenas uma opção, deveria ser uma condição obrigatória de sua prática docente, no processo da educação escolar formal. Rildo Cosson destaca benefícios importantes advindos da leitura do texto literário e do alcance deste, ao dizer que:

A leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito da leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e, sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito de linguagem. (COSSON, 2006, p. 30).

O letramento literário deve ser entendido como uma prática que envolve toda a comunidade docente e discente da Escola. Sobretudo para o professor não basta reconhecer a importância da literatura, ele precisa ser um leitor. Só assim, poderá escolher materiais mais ajustados às demandas de seus alunos e do processo de ensino-aprendizagem, como um todo. Essa escolha é muito importante já que dela dependem muito a boa execução e o sucesso de atividades significativas.

No âmbito do ensino de línguas estrangeiras, corroborando o pensamento de Cosson, Mendoza (2007) afirma que a presença da literatura deixa de ser um objeto de prestígio, para transformar-se em processo popular cuja funcionalidade é vital para a aprendizagem. Para o autor, escolher o texto literário como recurso didático de grande função formativa, significa valer-se de um material autêntico que traz diferentes tipos de *input* aos aprendizes, sobretudo o linguístico, quando a seleção leva em conta objetivos concretos de aprendizagem. Para tanto, é preciso que o professor desenvolva sua prática leitora e esteja atento às necessidades dos seus alunos.

Este trabalho examina algumas possibilidades do texto literário como um caminho para a obtenção de melhores resultados no processo de ensino-aprendizagem

de língua estrangeira (doravante LE), considerando, especialmente, o ensino no âmbito do espanhol como LE.

Entretanto, diante do tema específico aqui tratado e da proposta apresentada, é necessário que se definam, com mais precisão, os agentes envolvidos no processo, sobretudo, o professor. Afinal, é preciso saber de que professor estamos falando e, igualmente, de quais processos de ensino-aprendizagem. O recorte se restringe apenas ao professor de linguagens e códigos, na escola regular? Como trazer o texto literário para os institutos de língua e cursos livres, de cujos manuais estão praticamente ausentes. Esses ditam inteiramente o desenho da aula.

A Escola, em um país de dimensões continentais e de profundas desigualdades, como o Brasil, demanda, além da capacitação específica, uma sensibilidade aguda dos agentes envolvidos com a educação. Sensibilidade capaz de entender as especificidades do cotidiano escolar, em suas múltiplas realidades, resgatando-as também no plano histórico. Estes desafios serão sempre o ponto de partida de qualquer professor.

No caso do ensino de LE no país, é importante historiá-lo e problematizá-lo, verificando nas experiências passadas, na proposta dos vários métodos de ensino aprendizagem de línguas, o lugar do texto literário. Esses elementos podem ser úteis à hora de realizar escolhas, de considerar os meios adequados para o melhor uso do texto literário.

Antes de responder às questões levantadas, anteriormente, parece importante deixar claro que o letramento literário é, segundo entende-se aqui, uma tarefa de toda a escola. Professores de diversas áreas do saber dividem com os docentes de língua materna e/ou língua estrangeira a responsabilidade de estimular e desenvolver a capacidade leitora. Por outro lado, vale ressaltar também que a responsabilidade que outrora se atribuía ao professor de LE, cujo sucesso media-se, historicamente, pelo bom desempenho do aluno nos desafios puramente linguísticos, amplia-se, na medida em que o docente deve ter um entendimento muito mais amplo do que significa domínio linguístico. Este deve ser um meio através do qual se acede a outra instância do conhecimento. Tal como afirma M. G. G. Paiva:

A construção de significados e de estilos de expressão da própria individualidade, através de uma outra língua/linguagem – a da língua

estrangeira -, reforça a tese da relevância do ensino de uma segunda língua como *instrumento/ferramenta sociocultural* e não como um fim em si própria, para que o aluno faça um melhor sentido do seu dia a dia na sua cultura de origem [...] (PAIVA, 2000, p.124)

Levando-se em conta o que defende o autor, parece claro que a leitura literária em língua estrangeira lança o aluno em um espaço mais amplo que aquele do conhecimento propriamente linguístico, promovendo um conhecimento maior da cultura da língua alvo e criando espaços dialógicos dessa com a experiência pessoal do aprendiz.

É fundamental o envolvimento da Escola, como um todo, com a promoção da leitura em geral, e, especificamente, da leitura literária, através de diversas propostas que levam em conta, principalmente, a interdisciplinaridade. Desta forma, o texto literário ganha maior importância na rotina escolar, fato que se refletirá no comportamento do aluno frente a ele. Considerando-se as demandas específicas de cada disciplina não é difícil encontrar pontos convergentes que possibilitam essa proposta cujo agente, por excelência, é o corpo docente. Este deve conhecer as dificuldades usualmente presentes na sala de aula e buscar as soluções adequadas, individual ou coletivamente.

Conforme Mendonza (2007), que entende o texto literário como um material no qual o aluno pode, através da observação, inferir e sistematizar diferentes referências normativas, pragmáticas e modalidades discursivas. Seu uso em sala de aula beneficia muito, portanto, o processo de aquisição da língua estrangeira meta. No processo escolar de ensino-aprendizagem, não é necessário (nem recomendável) prescindir dos recursos poéticos da literatura (leia-se aqui, tanto da lírica, como da narrativa novelesca ou teatral), ou temê-los. O texto escolhido representa uma amostra da língua alvo que reproduz, com verossimilhança, situações de comunicação reais e que pode contribuir sensivelmente para formar melhores leitores.

O efeito intimidador que a literatura ainda provoca no leitor, inclusive, no professor, ainda é razão para afastá-la, quando a especificidade da disciplina não parece exigí-la, como matéria basilar. Não causa surpresa que o professor de LE possa ser refém desse receio, em especial, porque em seu caso, o desafio é duplamente demandante. Para muitos, a aquisição da língua - dissociada de sua literatura - precede a experiência da leitura literária. O conhecimento da gramática e da ortografia deve haver alcançado um determinado nível de excelência para permiti-lo. Lamentavelmente, essa

crença ainda existe no processo de ensino-aprendizagem de LE. Não são poucos, portanto, os desafios que se apresentam ao letramento literário nesse campo.

A sala de aula de LE: do letramento que temos ao que queremos

A realidade do ensino de LE, seja no ensino básico ou em cursos livres, ainda é um desafio que demanda saídas criativas, para cuja consecução pressupõe-se a existência de uma comunidade escolar consciente e comprometida com o letramento e, de modo especial, com o letramento literário, através do qual se persiga “um leitor intercultural, crítico e imaginativo e não meramente lógico-matemático” (PAIVA, 2000, p. 125). O debate sobre a inserção da literatura entre as tipologias textuais trabalhadas em sala de aula é ainda constante e se expande em matizes, os mais diversos. No caso específico do ensino de línguas, pesam os receios dos professores relacionados ao desafio extra que supõem para os alunos as dificuldades linguísticas que obstaculizam a chegada ao próprio texto, além do o esforço extra que supõe para eles próprios.

Santos (2007) enumera alguns elementos que resultam de pesquisa realizada sobre o tema, com professores e alunos de um curso de especialização, que dão base à intervenção que aqui propomos. O pesquisador percebeu que, segundo muitos professores:

a) o gênero literário é uma tipologia difícil de ser trabalhada e que não há lugar para o seu uso em sala de aula; b) a literatura não é o interesse básico do aluno, pois ele quer aprender língua e não literatura; c) em sua graduação as disciplinas de língua e literatura eram ensinadas em separado e, por isso, não sabem como inserir um texto literário nas aulas de língua e; d) os textos literários presentes nos materiais didáticos de ELE servem apenas para ensinar cultura e, assim, devem estar presentes nas atividades que introduzam questões culturais (SANTOS, 2007, p. 374-375)

Tais concepções comprovam que a literatura ainda tem que vencer muitos obstáculos antes de se fazer presente, de forma contundente, nas aulas de LE. Assim o dizem dados resultantes da pesquisa, anteriormente referida, que refletem a visão de um número bastante significativo de docentes no Brasil. O professor vem deixando de utilizar um riquíssimo exemplo de língua em uso, contrariando uma série de posicionamentos teóricos que incentivam o uso do texto literário em sala de aula. Essa situação resulta de equívocos no processo de formação de professores e do fato de que

muitos nutrem crenças limitantes e limitadas em relação aos benefícios do texto literário para a aprendizagem de LE.

Entre as opiniões a cerca dos motivos que impedem ou limitam o uso da literatura na dinâmica de ensino-aprendizagem de LE, alega-se a falta de instrumentalização linguística do aluno para aceder ao texto. Isso faz da leitura literária um duro desafio que obriga o leitor a recorrer ao dicionário frequentemente ou a pedir ajuda ao professor, transformando o processo em um demorado exercício de paciência. Some-se a isso a falta de conhecimento de aspectos inerentes à cultura e até à história, que eventualmente também podem constituir um obstáculo a mais, mesmo levando em conta que a fruição do texto literário pode prescindir desse conhecimento. O aluno acaba demandando do professor também uma contextualização desses elementos extralinguísticos. Lida-se, portanto, com um desafio duplo, que envolve também o professor, convocado, de pronto, para uma responsabilidade maior, de circunstanciar histórico-social e culturalmente o texto literário.

As dificuldades e demandas podem, no entanto, podem ser vistas como motor de um processo muito mais rico, porque plural e desafiador, que envolve alunos e professores. A leitura pode render conhecimentos diversificados que envolvem arte, história, política, sociedade. Pode fomentar a curiosidade e o hábito da pesquisa e levar à cena questões relevantes, envolvendo o passado e o futuro, no terreno da literatura, que se projetam no presente ou que dele são projeções. Essas exigências colocam também o leitor na posição de agente, lançando-o no vórtice da história. Demanda o mesmo de seu tempo, também esse, participe na construção de sentidos do texto.

Segundo Yunes

[...] as circunstâncias em que um texto ou um filme ou quadro voltam a “funcionar” para novos potenciais leitores estão alteradas pelas circunstâncias históricas; quantas canções do exílio vêm reescrevendo nossa literatura segundo uma leitura dos tempos e da história? [...] A permanência entre nós, tantos séculos depois, de um Quixote ou de uma Julieta não se sustentaria por razões estéticas isoladas na história da literatura. A diferença está na *historicidade* da leitura [...] (YUNES, 2002, p.20)

Levando em conta o que se disse anteriormente, pode parecer que em lugar de combater os estigmas negativos que pairam sobre o uso de textos literários em aulas de LE, o que se faz aqui é fortalecê-los. Essa pluralidade de possibilidades (e demandas)

que o texto literário oferece, é preciso dizer, não deve ser entendida como uma predisposição tentacular, uma proposição inexecutável, na prática. Todas essas questões estão organicamente associadas de forma que não pressupõem um vai-e-vem esgotador por muitos caminhos, mas uma caminhada ancha através de uma paisagem diversa. As questões aqui levantadas se propõem, ao contrário do que pode parecer, a incentivar a leitura literária, pela multiplicidade de benefícios que oferece no âmbito do ensino de LE. Que as dificuldades, entre as quais, o tempo, não se sobreponham à boa disposição.

O espaço destinado ao ensino de língua estrangeira na educação básica ou a carga horária de um curso livre, com seus métodos ainda bastante fechados à criatividade, parecem confrontar-se com as demandas de atualização e (re)significação do texto literário, processo no qual o leitor-aluno é agente ativo. Os cinquenta minutos semanais destinados ao ensino da LE no ensino médio brasileiro, por exemplo, deixa o professor com um tempo extremamente reduzido para a realização de atividades de maior duração, principalmente na escola pública, em função de diversos fatores que comprometem esse já curto tempo de que dispõe o professor de LE.

Assim, em menos de uma hora é preciso promover a concentração dos estudantes, inseri-los na dicção da língua alvo e trabalhar um conteúdo programático a partir de textos que dificilmente podem ter uma extensão livre já que a aula está sempre prestes a acabar. De toda forma, devem-se explorar possibilidades sejam essas mais ou menos escassas, a partir das quais se deve fazer uma série de escolhas buscando o melhor resultado no processo de ensino-aprendizagem. Na literatura, essa seleção deve considerar, entre outros elementos, o tipo de texto, o autor, a época de sua produção e, especialmente, o gênero literário, que se leva aos alunos. A experiência aponta o conto, o poema e a crônica como os mais frequentes nas aulas de LE, dadas suas dimensões. Contudo, trechos de narrativas mais longas, como o romance, podem ter resultados positivos, desde que haja bom critério na seleção, que os recortes sejam adequados e ajustados ao tempo disponível, de maneira a que a atividade não fique inconclusa.

O cuidado na seleção de textos, realizando recortes necessários e bem feitos, de maneira a não obstaculizar o sentido do texto original e ainda assim ser compreensível e ter sentido, é o segredo para a inserção bem sucedida dos gêneros mais longos em sala de aula de LE. Em termos práticos, depois de um primeiro recorte, feito em um texto longo, este poderá sofrer um segundo ajuste, no momento da aula, que

deverá ser previsto. Isso acontece, por exemplo, se o professor percebe alguma dificuldade durante a leitura ou se considera oportuno interromper o texto e propor uma discussão com os alunos a cerca do que eles já leram, estabelecendo relações socioculturais, bem como oportunizando comentários de cunho linguísticos. A interrupção feita em momento oportuno também pode ter como objetivo fomentar no aluno o desejo de prosseguir com a leitura, de forma individual, estimulando sua criatividade e desafiando seus conhecimentos linguísticos em uma atividade que proponha, por exemplo, a continuação da narrativa ou do texto poético, pelo aluno. Avaliar e pôr em prática essas possibilidades exige uma noção polifônica e sempre aberta de leitura, entendendo que

[...] a obra é mais que algo puramente objetivo, ela interage com a experiência inalienavelmente subjetiva do leitor. Nela o leitor intervém de modos diversos, “preenchendo lacunas”, *suplementando* significações, construindo por fim o sentido, mantida uma relação de compromisso com o texto, que provoca sua resposta. (YUNES, 2002, p.21)

Há em todas essas ações, desafios positivos para alunos e professor. A escolha do material literário pelo professor deve, igualmente, levar em consideração a dinâmica interativa e, portanto, comportamental da turma. Para um grupo de alunos mais participativos e com maior autonomia, por exemplo, podem-se considerar atividades com textos que visem à leitura de fruição, silenciosa até, em um primeiro momento. Já para uma turma pouco entrosada e/ou com dificuldades de comunicação, esta opção não é aconselhável. Um texto teatral poderá servir a diversos propósitos, tendo como foco a dinâmica interpessoal. É relevante, também, o período do ano letivo no qual a atividade será levada a cabo. Uma dinâmica mais comunicativa e interativa pode ser muito oportuna, por exemplo, quando aplicada nas primeiras semanas de aula, para promover a sociabilidade entre os alunos e sua integração para o restante do período escolar.

Nos cursos livres, o livro didático ocupa a centralidade, na sala de aula. Ele indica o método vinculado à instituição escolar ou à rede na qual a escola de idiomas está inserida. Nesses casos, costuma ser raro o uso de textos literários, optando-se invariavelmente pelo uso de textos objetivamente mais “rentáveis”, que veiculam diálogos artificialmente criados para ilustrar situações comunicativas propostas. Neles, predominam fragmentos de língua que não estão em seu uso real, ou o uso de gêneros de comunicação supostamente mais populares, como banners, folhetos e cartazes. Cabe,

nesse caso, apenas ao professor buscar fendas possíveis para, eventualmente, quebrar a rotina proposta pelos manuais. O mais acertado poderia ser promover nos meios acadêmicos e editoriais uma política de sensibilização, enfatizando-se o valor da literatura na obtenção de bons resultados para os alunos.

Por fim, sem escamotear o que mostram as pesquisas sobre o uso ainda muito modesto de textos literários nas aulas de língua estrangeira e sabendo do desafio que esse esforço supõe para professores e alunos, entendemos que sua popularização é empreitada diária, que se persegue através da constante busca de dar a ela um sentido. Haverá sempre que encontrar elementos de sedução, artifícios que possam ressignificar a leitura literária - cada texto - e, particularmente, em língua estrangeira. Os desafios são tantos quantos forem os textos escolhidos e as soluções bruxuleiam ao sabor das circunstâncias, mas, em especial, do bom senso e interesse da comunidade escolar: explorar os temas evocados pelo texto literário, atualizando-os ou aproximando-os da experiência de vida do aluno e de sua comunidade; sensibilizar o alunado para a capacidade evocadora do texto literário; exercitar sua criatividade através das possibilidades da leitura; suscitar, através do texto, o interesse por temas transversais; provocar o desejo de alcançar melhores níveis linguísticos; despertar habilidades artísticas; alertar para a amplidão de experiências humanas a que se tem acesso, através da literatura...

Essa equação em andamento tem forte aliada na resiliência de muitos professores, cujo rol de artifícios legítimos que promovem a difusão da leitura literária cresce, à medida que os obstáculos se assomam, no dia a dia de seu trabalho. Obstáculos ainda mais significativos no caso de professores de LE.

Caminhos possíveis para a literatura na sala de ELE

A literariedade, característica intrínseca da obra literária, que se manifesta tanto através de um padrão de perfeita correção gramatical, como de transgressões - formais e funcionais -, para mencionar os extremos, faz do texto literário riquíssima fonte de trabalho na sala de aula de LE. É comum que inicialmente o professor se deixe levar por um propósito pouco ambicioso. Considerando as limitações que enfrenta, ao trabalhar com a leitura literária, mira, em meio às destrezas linguísticas, no desenvolvimento da compreensão leitora (ou escrita) dos aprendizes, na língua meta,

benefício mais aparente, para logo animar-se com sua repercussão na expressão escrita dos mesmos. No final, os resultados podem mostrar, não obstante as inúmeras limitações - de tempo, de material – que a leitura literária, mais do que a de qualquer outra especificidade textual, contribui para o desenvolvimento de todas as destrezas linguísticas. Ou seja, também para o desenvolvimento da expressão oral e da compreensão auditiva.

A leitura literária lança o aluno em mundos e situações diversos que alentam sua imaginação e criatividade. Esta é uma característica muito importante que deveria significar uma grande motivação para professores e alunos. Para Silva e Aragão (2013) no ensino de língua estrangeira, o rigor formal e a busca por vocabulário e fluência não devem se sobrepôr à inventividade. Deve-se cuidar para que a leitura não seja, ao contrário do que se espera, motivo de frustração. Para tal, as autoras reforçam a importância da seleção dos gêneros, tipos e exemplos textuais que deverão materializar a presença da literatura no ensino de língua estrangeira:

Antes de tudo, o texto deve ser acessível, ou seja, deve ser escolhido de acordo com o nível do aluno para promover a aprendizagem, e não uma frustração. Em segundo lugar, os textos devem ser significativos e motivadores, tendo como critério de escolha os interesses dos estudantes. Em terceiro lugar, o TL deve ser integrador de várias habilidades, cabendo ao professor selecionar quais serão trabalhadas na aula e por meio de que atividades. (SILVA & ARAGÃO, 2013, p. 168).

A criatividade será o mecanismo primordial para que o texto literário ganhe vida em meio às abordagens possíveis, contemplando várias competências que partem da leitura, mas que não se concentram exclusivamente nela. As habilidades linguísticas podem ser, todas, desenvolvidas com a ajuda do texto literário, de maneira mais efetiva e dentro de uma perspectiva integradora.

A competência oral, por exemplo, vê-se muito beneficiada com a leitura literária, tendo em vista o fato de prover o aluno com matéria linguística e sociocultural para o debate, para que este interaja, em situações de comunicação reais. Essa possibilidade deve excluir uma prática arraigada de usar a leitura literária apenas como instrumento das avaliações orais. A leitura, seguida de um debate oral, com toda a turma, pode favorecer o uso de vocabulário por meio da demanda que a interação oral pressupõe, e servir de aprendizagem de outras estruturas linguísticas, bem como

familiarizar o aluno com fatores culturais e históricos da língua meta. Cabe sempre lembrar que a origem da literatura remonta ao domínio da oralidade.

No caso da competência auditiva, a prática da leitura de passagens, em voz alta, dos textos escolhidos, pelo professor, pode favorecer a experiência auditiva do alunado. Havendo, no ambiente escolar, a possibilidade de usar recursos áudio-visuais, é recomendável usar materiais extratextuais que, de ser possível, reproduzam o texto literário oralmente ou que salientem temas convergentes, transversais, tais como entrevistas, trechos de documentário ou reportagens sobre os temas da obra, sobre o autor ou autora, dentre outros. A partir dessas atividades, motivadas pelo texto ou servindo como um exercício de pré-leitura desse, promove-se um amálgama de conhecimentos diversos e a integração de competências, visando aproximar mais o aluno à LE.

Por fim, pode-se exercitar a competência escrita dos alunos através de exercícios de escrita criativa nos quais propõe-se que escrevam textos emulando o gênero literário do texto escolhido, recontando a história a partir de uma narrativa epistolar, de um poema, ou teatralizando-o, simulando finais diversos, criando novos personagens ou espaços em torno aos existentes no texto, entre outras inúmeras possibilidades, respeitando-se sempre o nível linguístico dos alunos, o tempo de que dispõem, além de outras especificidades pessoais e de grupo.

O projeto de leitura pode incluir a exploração e ou indicação de novas leituras, aos interessados, de outros textos com temas, autoria e período histórico, semelhantes ou divergentes. Fazendo isso, o professor, que, idealmente, deve dispor de um pequeno acervo de leituras sobre a obra trabalhada, contribui não apenas para a criação de laços que reúnam seus alunos em torno de afinidades comuns, como para despertá-los a cerca da noção de repertório de leituras, este

[...] diz respeito a todas as referências externas que podem ser apresentadas sob a forma de alusões históricas, regras sociais, menções ao contexto sociocultural da obra, enfim, a todo tipo de realidade extratextual, a todos os sistemas de pensamento que o texto escolheu e incorporou, ao lado das alusões literárias que constituem a realidade intratextual. (LIMA, 2002, p.76).

Para fomentar esse repertório, pode-se criar um ambiente de leitura coletiva, a partir da troca dos textos entre os próprios alunos, estimulando a prática leitora e o espírito crítico. Sugere-se, assim, a revisão textual entre os alunos, como uma das etapas

propostas em uma atividade de leitura e escrita. Como o autor de um texto escreve sempre a partir de um lugar, o seu, pode-se esperar que em sua produção, o leitor-aprendiz possa também reafirmar seu lugar de ser no mundo, ressignificando a leitura literária. Transformada em lugar de sentido, a literatura, mesmo em língua estrangeira, integra-se a uma geografia familiar. A língua, antes inóspita, parece simultaneamente mais dócil e mais desafiadora.

A conclusão do projeto de leitura pode contemplar a reunião de toda a produção escrita, desenvolvida pelos estudantes e proporcionar uma série de outras ações, que façam circular na escola esse material de leitura original em língua estrangeira. Os alunos podem elaborar suportes tais como o blog, pequenas publicações impressas - como por exemplo o *fanzine*, ou até mesmo colagens, a depender de sua extensão. Enfim, os textos podem ser fixados em diferentes locais do ambiente escolar. Esse material fornecerá amostras de língua reais e em uso, suscitando a curiosidade da comunidade escolar pela língua e pelo letramento literário.

O ensino de língua estrangeira possibilita a formação de cidadãos críticos, com repertórios culturais amplos, capazes de dialogar com um mundo, para bem e para mal, cada vez mais globalizado. Do outro lado das janelas que se abrem, quando se aprende uma língua estrangeira, estão as múltiplas realidades que cada cultura constrói ao longo de sua história. Essas têm na literatura, e em sua reveladora plurivocidade, contundente manifestação. O texto literário não expõe normas para endossá-las, segundo Lima (2002, p. 77), mas para questioná-las, “[...] abrindo espaço para que o leitor examine, dentro do seu sistema de referências, outras possibilidades negadas pelo sistema do mundo e referendadas pelo sistema do texto ou vice-versa.”

Se, ao contrário disso, vemos que a palavra perde, cada vez mais, sua capacidade polifônica, engessada numa leitura estreita e apequenada, do que quer que comunique, encontramos motivação alentadora para o aprendizado de uma nova língua, que amplia as possibilidades de comunicação. Uma língua abre um novo mundo.

Com Mendonza (2007), entendemos como passos fundamentais para o uso de textos literários nas aulas de LE, a seleção do material literário, a pertinência das atividades e a promoção de novos aprendizados para os alunos. Entretanto, para além do planejamento e dos fatores mensuráveis de acerto, antes disso, talvez, está a crença na capacidade de sensibilizar-se com a amplidão e a pequenez do mundo e na certeza de

que é possível exercitar a empatia, mesmo frente às dessemelhanças. A literatura, em sua capacidade de universalizar o humano por meio da palavra, é capaz de provar que o estrangeiro, sua língua, não é o oposto, nem o contrário de nós. A literatura pode nos ensinar novamente a falar a língua do respeito entre os povos, da concórdia entre os sujeitos e da multiplicidade de pensamento.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, C. O. **Todos maestros y todos aprendices**: la literatura en formación de los profesores de E/LE tratada como objeto de estudio, recurso para la enseñanza y formadora de lectores. Tese (Doutorado) – Universidad de Barcelona, Barcelona, 2006.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

LIMA, V. L. R. S. L. A formação de repertório de leituras. In: YUNES, E. (Orgs). **Pensar a leitura**: complexidade. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

MENDOZA, A. F. Materiales literarios en el aprendizaje de lengua extranjera. In: **Cuadernos de Educación 55**. Barcelona: Horsori Editorial, S.L., 2007.

PAIVA, M. G. G. Os desafios (?) do ensinar a ler e a escrever em língua estrangeira. In: NEVES, I. et al (Orgs.). **Ler e escrever**. 3 ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2000.

SILVA, G. M., & ARAGÃO, C. O. **A leitura literária no ensino comunicativo da língua espanhola no ensino médio**. Revista Desenredo, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 9 - n. 1 - p. 157-173 - jan./jun. 2013.

YUNES, E. Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo. In: YUNES, E. (Orgs). **Pensar a leitura**: complexidade. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.